



O PROCESSO DE CONDOMINIZAÇÃO RESIDENCIAL DE ALFENAS/MG.

Lilian Mara de Castro Azevedo
Universidade Federal de Alfenas – Unifal-MG
liliancastro@yahoo.com.br

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma discussão sobre as alterações socioespaciais decorrentes da proliferação dos empreendimentos do tipo condomínios residenciais fechados na cidade de Alfenas/MG na última década.

De forma geral, o número de condomínios residenciais fechados cresceu significativamente nos últimos anos, transformando não só a paisagem urbana como também a dinâmica social das cidades. A expansão deste produto imobiliário gerou discussões e estudos que abordam suas causas, consequências e origens. Neste trabalho, o estudo sobre a expansão destes empreendimentos na cidade de Alfenas, se fez necessária diante do número elevado de loteamentos desta ordem na cidade e nos leva a uma reflexão sobre qual o espaço urbano está sendo produzido e quais relações sociais, comerciais e espaciais estão sendo criadas ou destruídas a partir desta conformação. Como esses condomínios são fechados, o acesso livre às ruas fica impedido, selecionando quem tem ou não o direito de circular. A experiência de vivenciar a cidade fica comprometida tanto por parte dos que estão “dentro” quanto dos que estão “fora” dos muros.

Alfenas é uma cidade média do sul de Minas Gerais, mesorregião do Sudoeste mineiro e microrregião de Furnas, com área de 849,2 km² e 72.535 mil habitantes, conforme dados do Censo 2010 (IBGE, 2010). Apresenta uma localização privilegiada por estar inserida em uma rede urbana formada por prósperas cidades de porte médio e por estar em posição estratégica quanto aos principais centros urbanos da região sudeste. Possui um espaço urbano que remete ao seu passado de urbanização que concentrou no centro o poder econômico e político, o comércio e as residências da classe mais abastada, deixando para a periferia as classes de rendas mais baixas. Esse

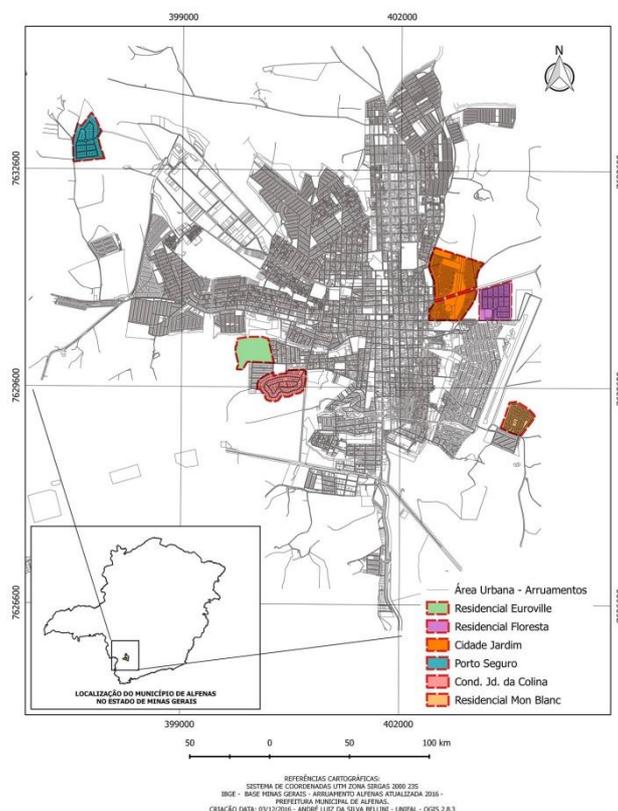


modelo de urbanização, comum no Brasil, foi se modificando com a saturação do centro da cidade e a criação de bairros elitizados fora do núcleo central, longe dos inconvenientes advindos do desenvolvimento do comércio e dos serviços.

A partir dos anos 2000, de acordo com a Leitura Técnica do Plano Diretor (ALFENAS, 2006), a cidade apresentou uma retração do mercado imobiliário, mesmo assim recebeu investimentos com a construção de novos loteamentos. O solo urbano passou a ser visto cada vez mais como mercadoria, sendo alvo de empreendedores que utilizam de especulação e da promessa por segurança como ferramentas para a valorização de áreas periféricas da cidade, para acumulação de capital cada vez maior com custo de terra urbana menor.

Atualmente identificamos a presença de seis condomínios fechados na cidade, sendo o Jardim da Colina o mais antigo, implantado nos anos 70 (ALFENAS, 2006). Os demais empreendimentos deste tipo surgiram nos últimos cinco anos, alguns ainda estão em fase de implantação, sendo eles: Vila Porto Seguro, Floresta, Mont Blanc, Cidade Jardim e Euroville, distribuídos na cidade conforme o mapa a seguir.

MAPA DE VISÃO GERAL DA ÁREA URBANA E DOS CONDOMÍNIOS FECHADOS
NO MUNICÍPIO DE ALFENAS - MG



2 – OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as relações socioespaciais da cidade de Alfenas decorrentes do crescente processo de difusão dos empreendimentos do tipo condomínios fechados residenciais, observando a fragmentação intensificada e as novas formas de consumo do espaço urbano.

Para isso partimos da hipótese de que com essa nova forma de apropriação da cidade, as relações público-privadas mudaram, gerando um aumento da segregação espacial.

Para o desenvolvimento do trabalho buscamos compreender quem são os agentes produtores do espaço urbano e como agem na cidade de Alfenas, compreender os fatores que induzem a reprodução de empreendimentos do tipo condomínios



fechados pela perspectiva do processo de globalização, examinar os conceitos de segregação e analisar a condominização a partir da percepção dos moradores.

3 – METODOLOGIA

A palavra método é a junção das palavras gregas *meta* (por, através de) e *hodos* (caminho), que ilustra a definição de que o método é o caminho utilizado para se chegar a um objetivo. É através dele que o pesquisador organiza seu trabalho, dispõe suas ideias e chega a conclusões. Toda pesquisa científica deve ser pautada, inicialmente, para a contribuição da evolução do saber humano e deve ser planejada, desenvolvida e redigida conforme normas metodológicas que refletem a forma de pensar do investigador para a produção da ciência

Com base neste apontamento, este trabalho apresenta a necessidade de analisar a produção e estruturação do espaço urbano sob a ótica das interações entre seus agentes transformadores, sendo esta uma ferramenta base para a compreensão da dinâmica urbana. A partir disto, o materialismo histórico dialético foi o método que melhor se aplicou para a análise da questão colocada na pesquisa. Quais os fatores que induziram a reprodução de empreendimentos do tipo condomínios fechados na cidade de Alfenas? Este processo gerou processos de segregação socioespacial? Qual o papel dos agentes transformadores do espaço neste processo?

O objetivo desta pesquisa, conforme referido, foi o de analisar as modificações nas relações socioespaciais da cidade de Alfenas decorrentes do crescente processo de difusão dos empreendimentos do tipo condomínios fechados residenciais. Para isso iniciou-se uma revisão bibliográfica específica sobre os conceitos e temas que pautam os processos de produção do espaço urbano e os agentes responsáveis por tais transformações.

A investigação a respeito de como este tipo de empreendimento surgiu e se reproduz nas cidades foi feita e buscou-se entender quais são as motivações e consequências deste produto imobiliário, à luz de autores que abordaram este tema em pesquisas anteriores.



Foi desenvolvida uma análise bibliográfica também sobre os tipos de segregação e quais seus pretextos, entendendo que este processo é fragmentador do espaço urbano e é, dialeticamente, produto e produtor, da cidade.

Encerrando a fundamentação teórica, fez-se necessária o estudo sobre a relação entre as cidades médias e este tipo de condomínio residencial, para contextualizar a cidade de Alfenas dentro de uma lógica que vai além de somente seu desenvolvimento econômico, mas perpassa por uma polarização regional com reflexos da dinâmica global do capital.

Como parte do desenvolvimento empírico, foram realizadas atividades de campo para entendimento das estruturas abordadas, de onde foi adquirido o acervo fotográfico que colaborou para a ilustração desta pesquisa.

Foram realizadas entrevistas semi estruturadas com agentes que, conforme Corrêa (1989), são responsáveis pela formação do espaço urbano. Em uma reunião agendada com o ex-prefeito da cidade de Alfenas, Luiz Antonio da Silva – Luizinho, obtivemos informações importantes sobre a ótica do poder público sobre estes empreendimentos, quais as contrapartidas exigidas aos loteadores e qual a intenção por detrás das aprovações destes projetos. Esta entrevista se fez necessária, pois foi no mandato dele que os condomínios mais recentes foram aprovados e tendo em vista que ele é o prefeito eleito no último pleito e administrará a cidade no período de 2017 a 2020. Por diversas vezes foram solicitadas entrevistas com o prefeito Maurílio Peloso (mandato 2013-2016), sem sucesso.

Outros dois representantes do poder público municipal foram ouvidos em visitas agendadas na Secretaria de Planejamento e Orçamento da Prefeitura Municipal de Alfenas. Foram entrevistados o engenheiro-arquiteto, José Roberto Nobre da Cunha, que foi representante titular do poder executivo na elaboração da leitura técnica e consequente lei municipal que implementou o Plano Diretor na cidade de Alfenas e Edina Donato, engenheira civil, atualmente responsável pela análise e aprovação de projetos de novos loteamentos no município.

O entrevistado do Grupo Sequóia, Ronaldo Padovezzi Lesiten, forneceu informações importantes do ponto de vista do incorporador e dos proprietários de terras



urbanas e, assim como os demais corretores imobiliários ouvidos, concederam dados sobre o mercado deste tipo de produto imobiliário na cidade de Alfenas.

Como atores sociais presentes nesta dinâmica, obtivemos entrevista com o casal Francisco Oliveira de Paula e Ana Aurélia Vieira de Paula, moradores do Condomínio Residencial Floresta, e com moradores do entorno deste mesmo empreendimento, no Bairro Santos Reis, na busca de entender como os conceitos relacionados à segregação socioespacial são percebidos pelos envolvidos no processo.

Os mapas foram elaborados com a base de dados do IBGE, juntamente com a planta cadastral da cidade de Alfenas, fornecida pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Planejamento e Orçamento.

4 - RESULTADOS PRELIMINARES

Dos seis condomínios fechados instalados na cidade, somente o Jardim da Colina e o Residencial Floresta são habitados atualmente, os demais estão em construção da infraestrutura para ser entregue aos proprietários. O primeiro está consolidado, tendo em vista que foi construído nos anos de 1970. Já o segundo despertou maior interesse por ter se apresentado como uma alteração significativa numa estrutura urbana pré-existente e muito diversa da proposta do empreendimento. Na realidade, todos os empreendimentos do Grupo Sequóia contam com essa particularidade: a proximidade com bairros populares.

De acordo com a Lei Municipal nº 4.311/2011, os bairros adjacentes aos condomínios do referido grupo são todos pertencentes a uma grande ZEIS I (Zona de Especial Interesse Social) que são definidas, conforme redação da própria legislação, como “regiões ocupadas pela população, nas quais existe interesse público em promover programas habitacionais de urbanização e regularização fundiária, urbanística e jurídica, visando à promoção da melhoria na qualidade de vida de seus habitantes e à sua integração à malha urbana”.

Como esta pesquisa é derivada de um trabalho de investigação qualitativa aliada à revisão bibliográfica, a realização de entrevistas e até mesmo de conversas informais com os moradores do Residencial Floresta e de seu entorno foi primordial para o

entendimento das questões relativas à percepção das alterações espaciais provenientes do empreendimento. As respostas dadas pelos moradores do condomínio e pelos moradores do Bairro Santos Reis, atestaram questões que envolvem as escolhas feitas pelos usuários da cidade. Foi possível, também, observar as impressões e sentimentos dos moradores do entorno do Residencial, principalmente relacionados às transformações espaciais que vieram com a inegável melhoria na infraestrutura e valorização de seus imóveis, não podendo descartar, também, a possibilidade de inserção profissional desses moradores como prestadores de serviços no interior do condomínio e, finalmente, um vislumbre de crescimento dos pequenos comércios locais.

Os condomínios fechados tornaram-se uma válvula de escape para os problemas urbanos, no caso de Alfenas principalmente para a violência, a falta de espaço e o alto custo de lotes na área central. A proposta dos empreendedores é de fornecer à sua seleta clientela espaços exclusivos, confortáveis e seguros.

Assim, em informações colhidas por meio de entrevista realizada com moradores do Residencial Floresta, observamos, nas falas dos mesmos, que eles acreditam ser vantajoso morar ali, pois há segurança e tranquilidade, tudo isso a um custo que não é proibitivo, tendo em vista sua classe social.

A insatisfação referente à falta de segurança nas cidades é, segundo Sposito e Goés (2013), a causa mais indicada pelas pessoas que decidiram morar em condomínios fechados de, pelo menos, 10 anos para cá. Antes disto, conforme as autoras, a percepção da cidade era outra e a questão da insegurança não era determinante na escolha por um loteamento fechado, como é hoje.

Talvez mais importante, na realidade da cidade de Alfenas, seja a procura de um estilo de vida mais prestigiado e mais desejável em termos de residência. A busca por homogeneização social foi identificada na entrevista quando o senhor Francisco dissertou sobre a relação com os vizinhos

Quando eu comprei aqui nem tinha intenção de construir, era só investimento mesmo. Mas depois que decidimos construir achamos bom não ter muitos vizinhos. Mas quem constrói aqui é de bom nível, as casas devem seguir padrões, acredito que não teremos problemas com vizinhança. Nas reuniões que tivemos foi tranquilo. Temos um grupo no Whatsapp também. (FRANCISCO, 45 anos, 09/2016)



Sposito e Góes (2013) referenciaram a residência ao status social afirmando que “o lar cristaliza importantes sistemas simbólicos”, além de ratificar que a casa “é uma forma de as pessoas se afirmarem publicamente”. Quem escolhe morar em um condomínio fechado espera que ele seja reconhecido como um morador de algo exclusivo e marcado por uma divisão social clara – o muro. Em entrevista, o ex prefeito de Alfenas, Luizinho, demonstrou sua opinião quando afirmou que quem escolhe morar num loteamento fechado

[...] quer conviver com seu grupo, sua tribo, porque é chique, é status, mesmo que ele pague mais por isso, porque tem o condomínio, coleta de lixo, manutenção. Se fosse pela segurança, o que ele gasta com condomínio ele poderia gastar com equipamentos de segurança, proteção 24 horas, câmeras, etc, porque quem tem dinheiro pode garantir sua segurança e fica mais barato que a mensalidade de condomínio (LUIZINHO, 24/10/2016).

Seria a escolha de viver entre pessoas seletas em um ambiente socialmente homogêneo para evitar os desconfortos do confronto social. Por isso a relação com os moradores do entorno do condomínio não é estreita, restringindo-se ao vínculo de trabalho e, adicionalmente, uma intenção de comércio.

A construção de condomínios fechados em uma área da periferia como a que estão sendo inseridos os empreendimentos do Grupo Sequóia modifica expressivamente a relação dos moradores pré-existentes com o empreendimento e com o resto da cidade. De acordo com informações colhidas com os entrevistados do entorno que são de classe social inferior à dos novos moradores, foi possível perceber a visão que os mesmos têm do condomínio fechado. Diferentemente do esperado esses moradores não se sentem rejeitados, excluídos e/ou segregados pela presença do condomínio fechado, e, sim, favorecidos, pois o mesmo movimenta a economia do bairro, gera empregos para faxineiros, cabeleireiros, manicures, entre outros serviços, como também fortalece o comércio local. O condomínio também significa, na visão desses moradores do entorno, a esperança de melhoria da infraestrutura do bairro, como asfalto (a Rua Alferes Domingos Vieira Silva foi asfaltada como contrapartida do empreendedor ao município), rede de esgoto (para liberação do loteamento a administração pública exigiu que fosse regularizada a rede de esgoto que era precária), iluminação e, principalmente, a valorização dos imóveis do local e da região, fato confirmado pelos corretores das imobiliárias, que consideram a presença de um

condomínio fechado em uma determinada área da periferia uma grande valorização de seu entorno, devido às diversas obras de infraestrutura geradas. Para os agentes imobiliários, a busca por segurança é o fator que mais influencia na compra e a presença de todo o sistema de segurança do condomínio intimida crimes em toda a região, possibilitando a valorização.

Damiani (2016) aponta para o que, segundo ela, alguns autores chamam de fronteiras relativas, ou seja, os espaços urbanos que confrontam com alguma “fonte” nova de potencial econômico. Esses “novos espaços de valorização econômica” aquecem a economia local, mas, perversamente e progressivamente, destitui as possibilidades de moradia da população que ali reside e que não se enquadra no novo perfil social instalado. Acabam sendo expropriados com o tempo, devido à pressão do mercado e à especulação imobiliária. No caso dos moradores do Bairro Santos Reis pode-se identificar que o Residencial Floresta, o Cidade Jardim e o bairro Jardim Aeroporto o “cercaram”.

Todavia a expectativa de benefícios econômicos prevalece sobre a percepção de segregação e a recente instalação dos condomínios fechados ainda não trouxeram à população o real confronto de classes. Uma das moradoras ouvidas relatou que vê somente benefícios com os loteamentos:

Não vejo problema com esses condomínios, só coisa boa vindo pra cá. Esse bairro já foi muito ruim, depois que cresceu o Aeroporto melhorou bem, mas esse lado de cá ainda era ruim porque não tinha asfalto e desse morrão descia puro barro. Arrumaram isso e agora tem mais movimento. Ainda tem os serviços que ajuda muita gente, tem rapaz novo que estava à toa aqui e agora está trabalhando de ajudante nas casas do condomínio. Bom demais! (Amélia Souza, 58 anos, dona de casa)

Outra moradora, que trabalha de empregada doméstica em uma casa no bairro Aeroporto, aponta para uma apreensão quanto à segregação associando a relação entre os moradores do bairro Jardim Aeroporto e os dos condomínios:

O povo do Aeroporto não mistura com a gente, nem passa de carro aqui dentro do bairro. Esse povo que tá construindo no Floresta vai ser igualzinho, espera só. Mas que tem mais trabalho agora, ah isso tem. (Maria Consuelo Azevedo, 38 anos, vendedora)

É importante tecer algumas considerações no que tange à incontestável valorização econômica dos imóveis após a construção dos empreendimentos do Grupo Sequóia. A presença de um condomínio fechado em determinada área da periferia



valoriza seu entorno, por trazer consigo a implantação de infraestruturas que se refletem positivamente nos preços dos imóveis e terrenos de entorno além de conferir à região uma suposta condição de área privilegiada e que pode oferecer melhor qualidade de vida. Essas novas características passam a ser exploradas pelos agentes imobiliários. Mas a perversidade deste processo consiste em, após receber melhorias e experimentarem o aumento do preço das propriedades os moradores se sentem tentados pela demanda do mercado e pela possibilidade de realização de lucro na venda de seu imóvel. Esses moradores migram para regiões ainda mais periféricas, onde geralmente sofrem da carência de infraestrutura e de serviços públicos básicos novamente. Torna-se um ciclo vicioso que, efetivamente, só beneficia os proprietários fundiários especuladores.

Os condomínios fechados expressam nas periferias as diferenças das classes sociais, através de uma “proximidade distante” entre ricos e pobres. Sua própria existência nas periferias fragmenta social e espacialmente ainda mais a cidade e intensifica a segregação espacial aí presente. Entretanto, como exposto anteriormente, é importante registrar que os moradores do entorno não possuem essa mesma percepção. Inicialmente, os moradores ficam curiosos com as características luxuosas do novo condomínio, com as possibilidades financeiras que podem advir de lá, o condomínio torna-se parte da paisagem e passa a ser considerado algo positivo e que traz benefícios diversos para a população local. A partir de então, surge uma convivência “harmoniosa” entre a população de entorno e os moradores do condomínio, mesmo que se restrinja à prestação de serviços.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os condomínios fechados modificam a dinâmica socioespacial e a forma tradicional de experimentar a cidade e, desta forma, vêm reforçando ainda mais as disparidades existentes entre as classes sociais no espaço urbano. As relações alteradas vão além da circulação no tecido urbano, passam por uma nova forma de morar, de perceber o lugar onde se mora e de se apropriar (ou não) dele. Como a moradia sempre representou a condição socioeconômica do morador, o *status* social e o poder

econômico do indivíduo estiveram sempre relacionados com a aparência e grandiosidade de sua residência. Além da tão justificada segurança que sempre é citada pelos moradores, morar em um condomínio fechado é atingir o ápice do *status* social, é demonstrar para toda a cidade seu sucesso e estabilidade financeira, sua diferenciação social e sua estreita relação com seus pares.

Os moradores entrevistados relataram que o condomínio fechado lhes proporciona a sensação de conforto e segurança decorrente do fato de lá existirem normas internas que buscam garantir o máximo de tranquilidade e qualidade de vida. Assinalando o grande contraste existente entre as residências da periferia e as de alto padrão do condomínio fechado, que representam verdadeiras “ilhas” privilegiadas quando comparadas com a área de entorno. Muito embora seja muito importante salientar que ficou evidente nesta pesquisa que, contrariando em parte o referencial teórico efetuado sobre os condomínios fechados, que considera esses empreendimentos segregatórios, não foi essa a percepção abstraída das entrevistas com moradores do Residencial Floresta, e muito menos das conversas informais com alguns moradores do seu entorno. Existe, pelos moradores do “lado de fora” dos muros, muito mais um sentimento de esperança em melhores condições de vida, de maior valorização do patrimônio, de oportunidades de emprego e geração de renda do que de apartação e de discriminação.

Um fato importante referente à produção do espaço urbano em Alfenas é o papel dos incorporadores que atuam na cidade. Grupos grandes, de outras cidades e até de outros estados, dominam as iniciativas dos condomínios mais recentes. Esses agentes têm proporcionado uma expansão acelerada da malha urbana, tendo em vista que subsidiam a construção de loteamentos que, provavelmente, não aconteceriam neste momento. Além de incorporarem na cidade o “estilo de vida” de condomínios fechados acessíveis a uma parcela da população que não tinha essa possibilidade e que passou a poder habitar ou investir neste tipo de empreendimento. Até mesmo o padrão de lotes é mais popularizado se considerarmos as dimensões que são comercializadas (a partir de 300m²) e as dimensões dos terrenos do Jardim da Colina, por exemplo.

Evidentemente, a análise aqui apresentada, representa um esforço de discussão de uma problemática extremamente complexa, portanto não se admite a pretensão de

esgotá-la. Complementarmente, um único exemplo de condomínio é insuficiente para demonstrar tamanha complexidade, mas, de qualquer forma, deve servir para fomentar ainda mais tal discussão. Portanto, registra-se aqui mais um questionamento importante sobre a produção do espaço urbano em cidades médias brasileiras e mineiras, que ainda requerem novas investigações e pesquisas.

6 - REFERÊNCIAS

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2011.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. 1.ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

_____. A prática espacial urbana como segregação e o “direito à cidade” como horizonte utópico. In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Orgs.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. cap. 4, p. 96-110

CHAVES, M. E. D. **Sensoriamento Remoto e geoprocessamento aplicados ao estudo da expansão urbana e das alterações ocorridas no uso da terra entre 1986 e 2010 no município de Alfenas e tendências futuras de expansão**. 2011. Trabalho de conclusão de curso – Instituto de ciências da natureza, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2011.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **Construindo o conceito de cidade média**. In: BELTRÃO SPOSITO BELTRÃO, M. E. (org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

DAMIANI, Amélia Luisa. A produção do espaço urbano e a propriedade privada da terra. *Revista Continentes*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 12-24, 2016. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/revistaconti/index.php/continentes/article/view/136>>.

FURNAS. Disponível em: <http://www.furnas.com.br/frmEMQuemSomos.aspx>. Acesso em: 05 de novembro de 2015.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 15 de outubro de 2015.

_____. **Regiões de Influências das Cidades 2007 - REGIC**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

JANOSCHKA, M; GLASZE, G. Urbanizaciones cerradas: um modelo analítico. **Rev. Ciudades**, RNIU, Puebla, México, n.59, p. 9-20, 2003.

MARICATO, E. **Cidades e luta de classes no Brasil**. In: FUND. PERSEU ABRAMO; FUND. FRIEDRICH EBERT (orgs.) **Classes? Que classes?** São Paulo: Ed. FPA, 2013, p. 139-161.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFENAS. **Plano diretor de Alfenas (MG)**. Leitura Técnica. Alfenas, 2006.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SPOSITO M. E. B. Loteamentos fechados em cidades médias paulistas – Brasil. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação; SOBARZO, Oscar (orgs.). **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 175-197.

SPOSITO, M. E. B; GOÉS, E. M. **Espaços fechados e cidades**. Insegurança urbana e fragmentação socioespacial. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VASCONCELOS, P. A. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Orgs.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. cap. 1, p. 17-37.